

assassin's creed

christie golden

Tradução de João Félix



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Este livro é dedicado a todos os que jogaram e adoraram os jogos da saga Assassin's Creed, mas especialmente a Ryan Puckett, que sempre demonstrou uma simpatia e generosidade muito além da sua idade.

Há séculos que a Ordem dos Cavaleiros Templários procura a mítica Maçã do Éden.

Acreditam que contém não apenas as sementes da primeira desobediência do homem, mas também a chave do próprio livre arbítrio. Se encontrarem a relíquia e decifrarem os seus segredos, terão o poder de controlar todo o pensamento humano.

Só a irmandade conhecida como a dos Assassinos se encontra no seu caminho.

Prólogo

ANDALUZIA, ESPANHA

1491

O céu era como um fogo que a todos banhava de dourado; a cidade desenhava-se por debaixo da face rochosa dos picos montanhosos, tal como o telhado de telhas vermelhas da fortaleza mourisca, que incendiava o seu próprio fogo no pátio exterior.

A águia pairava no vento cortante, voando em direção ao seu local de repouso noturno antes que o dourado desse lugar aos tons mais frescos de lavanda da noite crescente. Lá em baixo, os que trabalhavam na forja de espadas não prestavam atenção à águia, ao vento ou ao céu.

As suas faces estavam toldadas pela sombra, cobertas pelos capuzes que todos usavam ao trabalhar; aguçando lâminas recentes, derramando metal para forjar outras, e malhando o ferro numa obediência cinzenta. Ninguém falava. O silêncio era interrompido pelo raspar e o clangor indispensáveis à tarefa.

À entrada da grande fortaleza estava um vulto. Alto, escultural e musculado, sentia-se simultaneamente sombrio e impaciente. Embora usasse um capuz como os outros, não era verdadeiramente um deles.

Ainda.

Estava-lhe no sangue, isso era inegável. Os seus pais tinham feito parte da Irmandade que dedicara a sua vida a proteger. Quando era apenas uma criança, os pais ensinaram-no a lutar, a esconder-se, a saltar e a trepar, como se fosse uma espécie de aventura.

Era demasiado jovem e inocente para compreender a realidade brutal por trás das lições que aprendia. Mais tarde, os pais contaram-lhe quem eram e o que serviam. Não tinha gostado da ideia de que não era senhor do seu destino e sentira-se relutante em seguir-lhes as pisadas.

E pagaram por isso.

O grande inimigo tinha-os encontrado.

Tinha observado o seu comportamento e os seus hábitos. Como predadores, os antigos rivais isolaram os seus pais do rebanho, dos seus irmãos e irmãs, e caíram sobre eles num número demasiado elevado para que pudessem oferecer resistência.

E o velho inimigo matara-os.

E não tinha sido uma morte limpa, respeitosa, numa batalha justa, nada disso.

Este inimigo nunca o permitiria. Acorrentou-os a uma estaca. Colocou toros de madeira a seus pés, encharcou-os de azeite e incendiou-os num horrífico espetáculo, perante os aplausos da multidão. Ele não estava lá na altura. Desde então sempre se tinha interrogado, com fazia agora, alterando o equilíbrio entre os pés, se a sua presença poderia ter alterado o desenlace. Os membros da Irmandade, que tinham chegado tarde demais, asseguraram-lhe que não teria feito a diferença. Não sem antes treinar.

Os carrascos nada fizeram para ocultar a sua ação, antes se vangloriaram por ter capturado os “infiéis”. Um homem alto, com um peito mais amplo do que um barril, de olhar frio e coração gelado, chamado Ojeda, comandou o ataque. A seu lado estava o Padre Tomás de Torquemada, que tinha condenado a família de Aguilar à fogueira.

Era tarde demais para salvar a sua família, mas ainda se podia salvar.

A Irmandade recusara-se a acolhê-lo, questionando os seus motivos. Mas Maria tinha visto nele mais do que um desejo de vingança. Tinha visto além da sua mágoa crua e instintiva, além da sua raiva impulsiva e vislumbrado alguém que conseguia sentir mais do que um desejo de vingança do homem que lhe tinha matado a família.

Tinha visto o homem que sabia que havia coisas mais importantes neste mundo do que aqueles que amara – havia a Irmandade. Algo que lhes sobreviveria a todos, que poderia passar a gerações futuras.

Aos filhos dos Assassinos, tal como ele.

E, então, tinham-no treinado. Algumas coisas eram fáceis, e agradecia aos seus pais por lhe terem cultivado essas atividades de um modo lúdico. Outras eram difíceis, sendo que múltiplas cicatrizes serviam de testemunho

das vezes em que tinha sido demasiado lento, desatento ou quando se tinha sentido, simplesmente, demasiado cansado.

Aprendeu a história da sua linhagem e a coragem que poderia parecer louca imprudência àqueles cujo pulso não acelerava como aos membros da Irmandade.

Maria acompanhara-o ao longo do seu percurso.

De riso fácil e rápida, manuseava as lâminas com ainda maior facilidade, palpitava de intensidade a cada instante. Desafiava-o impiedosamente quando errava, encorajava-o quando era bem-sucedido e, agora, estava lá dentro, ajudando no rito que o iria colocar no lugar onde os espíritos da sua família chacinada desejavam que estivesse.

Despertou dos seus devaneios quando várias figuras de capuz surgiram à porta, pedindo-lhe que os seguisse. Obedeceu silenciosamente, com o coração acelerado em antecipação, mas cultivando uma calma aparente enquanto descia as escadas para área aberta. O som de cânticos chegava-lhe aos ouvidos: “Laa shay’a waqi’un moutlaq bale koulon moumkine”.

As outras figuras encapuzadas formavam um círculo em torno de uma mesa retangular que estava no centro. Numa das extremidades estava alguém próximo do iniciado; Benedicto, o Mentor, com quem treinara e ao lado de quem lutara. Era um homem gentil, predisposto ao riso e ao elogio, mas a luz das velas em cima da mesa e das tochas nas suas bugias revelava agora uma face desprovida de emoções mais ligeiras.

Tinha sido Benedicto, para além de Maria, a estender uma mão amiga ao jovem desamparado. Não tinha tentado substituir o pai que lhe tinha sido retirado, mas Benedicto tinha feito o que podia. Tinha ganhado o respeito de todos os presentes – incluindo o próprio iniciado.

Quando falou, foi com uma voz forte, e dirigiu-se a todos os presentes.

— A Inquisição finalmente entregou a Espanha aos Templários. O Sultão Muhammad e o seu povo ainda resistem em Granada. Mas se o seu filho, o príncipe, for capturado, entregará a cidade e a Maça do Éden.

As suas faces, tatuadas e, na maioria, envergando cicatrizes, permaneciam impassíveis, mas Aguilar sentia a tensão crescente provocada por estas notícias.

Benedicto olhou para eles e pareceu agradado com o que via.

O seu olhar sombrio iluminou finalmente o iniciado. Estava na hora.

— Aguilar de Nerha, juras honrar a Irmandade na sua luta por liberdade? Juras defender a humanidade contra a tirania dos Templários e preservar o livre-arbítrio?

Aguilar respondeu sem hesitar.

— Juro.

Benedicto continuou, com uma voz plena de intensidade.

— Se a Maçã cair nas mãos deles, os Templários destruirão tudo o que se lhes opuser. Sejam protestos, discórdias... o direito de pensarmos autonomamente. Jura-me que irás sacrificar a tua vida e as vidas de todos aqui para o impedires.

Aguilar percebeu que isto não era parte do ritual habitual, que Benedicto queria assegurar-se que, nestes tempos de perigo iminente, o iniciado compreendia totalmente tudo o que lhe era pedido.

Mas Aguilar nem sequer hesitou.

— Sim, Mentor.

Os olhos castanhos do Mentor perscrutaram os dele, depois acenou e colocou-se lado ao lado de Aguilar. Pegou na mão direita do homem mais novo, enfaixou-a com ligaduras em antecipação do sacrifício necessário, colocando-a depois com cerimónia num bloco de madeira esculpida envolta por um metal decorativo.

Havia outras decorações na madeira; manchas da cor de ferrugem antiga.

Benedicto pousou cuidadosamente a mão de Aguilar e colocou um instrumento de duas pontas sob o dedo anelar do jovem. Aguilar sabia que, além dele, também o Mentor sentia a sua tensão.

— As nossas vidas nada são — lembrou Benedicto, olhando fixamente para Aguilar. — A Maçã é tudo. O espírito da Águia velará pelo futuro.

A mãe e o pai tinham-lhe deixado um legado de amor tenaz, tal como uma história que Aguilar ansiava seguir. Também o tinham deixado a ele. Pensava que estava sozinho mas, num momento, já não seria assim. Num momento teria uma vasta família – uma Irmandade.

Benedicto fez descer o instrumento, separando-lhe o dedo da mão.

Sentiu uma dor intensa. Mas Aguilar reprimiu-a e não gritou, nem se encolheu como o instinto comandava. O sangue corria, encharcando as ligaduras que o absorviam avidamente enquanto ele arquejava, os seus instintos de sobrevivência combatendo a disciplina que lhe tinha sido inculcada no decorrer do seu treino.

“A lâmina foi afiada até à perfeição” pensou. “O corte foi limpo. Vai sarar. Tal como eu.”

Maria avançou para ele com uma manopla ornamentada feita de metal e couro. Aguilar enfiou o braço cuidadosamente, cerrando os dentes para

não estremecer ao contacto da ferida recente com a extremidade da manopla. Não olharia para ela; somente para Maria, para as profundezas dos seus cálidos olhos azul-esverdeados orlados de *kohl* escuro, a sua beleza aumentada pelas tatuagens que lhe beijavam a testa, o queixo e por baixo de ambos os olhos.

Maria, que inicialmente fora como uma irmã gentil, mas que com o tempo se tornou em muito mais do que isso. Conhecia-a na sua plenitude: o seu riso, o seu odor, o leve oscilar do seu peito enquanto dormia nos seus braços. Conhecia a curvatura da sua anca e a força dos seus braços quando o imobilizava divertidamente antes de o recompensar com o calor da sua boca.

Mas não havia diversão naquele momento. Maria era muitas coisas para ele, mas Aguilar sabia bem que, se ele falhasse, a sua lâmina seria a primeira a encostar-se à garganta dele.

Acima de tudo, era uma Assassina, e antes de todos os laços estava sujeita ao Credo.

Tal como ele.

A voz dela, doce e determinada, proferiu as palavras rituais.

— Enquanto os outros homens perseguem cegamente a verdade, lembra-te...

— ... nada é verdadeiro — respondem os outros em uníssono.

— Enquanto os outros homens são limitados pela moralidade ou pela lei, lembra-te...

— ... tudo é permitido.

Aguilar olhou-a nos olhos por um momento, depois fez um ligeiro movimento do seu punho, como lhe tinha sido ensinado. Com um som claro e metálico, como se tivesse sido finalmente libertada, a lâmina surgiu por debaixo do pulso e preencheu a lacuna criada pela ausência do dedo anelar amputado.

A voz de Aguilar tremia de intensidade quando disse:

— Trabalhamos nas trevas para servir a Luz.

Respirou fundo.

— Somos... Assassinos.

Acima deles ouviu-se o grito de uma águia, como se o espírito estivesse agradado.

Capítulo 1

BAJA DE CALIFÓRNIA

1988

Cal Lynch olhou para o céu ao ouvir o grito de uma águia, semicerrando os olhos perante a luz do sol. Não a via claramente, com a silhueta recortando o céu, mas sorriu enquanto cobria o cabelo loiro-escuro com o capuz da sua camisola cinzenta e se preparava.

Também ele iria voar.

Já há algum tempo que queria fazer isto... bom, desde sempre, desde que os pais se mudaram para ali há uns meses. Mudavam-se muito; era algo a que Cal já se habituara na sua família. O pai e a mãe arranjavam empregos estranhos onde conseguiam, ficavam por algum tempo e depois mudavam-se outra vez.

Por causa disso, Cal nunca tivera oportunidade de fazer amigos. Era por isso que não tinha audiência no dia em que iria finalmente fazê-lo. Era algo que não o incomodava especialmente e, de facto, ainda bem que assim era – não seria suposto fazê-lo, de qualquer modo.

Arrastou a sua bicicleta até ao telhado de um dos edifícios velhos e delapidados. Uma vez, um dos degraus enferrujados dera de si e a perna atravessara-o, cortando-lhe as calças de ganga e ferindo-lhe a perna. Foi fixe; levou uma vacina contra o tétano numa clínica barata há um ano.

Estava habituado aos telhados. À noite, quando os pais o imaginavam seguro no seu quarto, saía sorrateiramente da janela do quarto para o

telhado e corria pela noite fresca e oculta, vivendo muitas desventuras que os seus pais ignoravam por completo.

O destino de Cal era um largo contentor de carga que estava a uma altura ligeiramente inferior à do telhado onde Cal se empoleirava na sua bicicleta. A distância entre eles era de mais ou menos seis metros, nada de mais.

Mas o coração agitava-se no peito enquanto permanecia ali sentado, com um pé no pedal e outro no telhado do edifício.

“Já cá estás”, disse para si próprio. “Está feito. Visualiza cada centímetro do percurso. Visualiza as rodas a aterrar na perfeição, a curva do volante que vai fazer com que não saias disparado pelo outro lado.”

Aquela não era uma boa imagem, pelo que tentou apagá-la imediatamente do seu cérebro. Mas era como aquela piada gasta: “não penses num elefante cor-de-rosa” e, zás, momentos depois era tudo o em que conseguias pensar.

Cal redirecionou a sua atenção, vendo-se a pedalar, a pairar, a aterrar vitorioso.

Na sua mente, ele voava. Como uma águia.

Iria conseguir.

Lenta, calmamente, Cal abriu os olhos e apertou um pouco mais os guidões.

Agora.

Atirou-se, pedalando furiosamente, não se fixando no rápido ângulo de descida do telhado ou no lixo que se interpunha entre este e o contentor, mas no seu destino. Avançava cada vez mais rapidamente e, então, o vazio enquanto puxava o bruscamente o volante para elevar a roda da frente. Voou sobre o lixo, com um sorriso de uma absolutamente perfeita e pura alegria a formar-se na cara. Sim! Ia conseguir.

A primeira roda pousou no contentor.

A segunda não.

Foi tudo tão rápido que nem sequer teve oportunidade de sentir medo; Cal e a sua bicicleta embateram violentamente na pilha de colchões velhos, lixo e outros detritos que tinha arrastado laboriosamente até ao local ao longo de várias semanas. Testou os movimentos, mas nada parecia estar partido. Sangrava de um arranhão na cara e tinha o corpo todo dorido, mas estava bem.

A bicicleta também não estava na melhor forma, e foi ao ver os danos que o peso do seu falhanço se fez sentir.

— Merda — praguejou, arrastando-se para fora do monte de lixo

juntamente com a sua bicicleta. Decididamente, não estava ansioso por ter de explicar os seus ferimentos aos pais.

Perdeu um momento a inspecionar-se. Uns quantos cortes e nódoas negras na cara e no corpo, nada de mais; mesmo o corte na perna tinha parado de sangrar. A bicicleta também tinha umas mossas aqui e ali, mas ainda andava. Ainda bem. Cal olhou para o céu, semicerrando os olhos, e sorriu quando viu o pequeno ponto que a águia formava. Bom... a mãe e o pai não tinham de saber tudo de imediato. Cal lançou-se em perseguição da águia por um algum tempo.

As sombras estavam a alongar-se quando Cal regressou aos apartamentos comunitários degradados a que chamava lar.

A sua bicicleta levantava poeira amarela da estrada de terra. Tudo estava coberto com a pálida poeira dourada que pairava, sendo as únicas variações de cor providenciadas por cartazes coloridos pendurados pela estrada.

A boa disposição habitual de Cal estava de volta. Já estava a avaliar o que tinha feito de errado e como poderia ser bem-sucedido na próxima vez. Afinal, tinha sido apenas a primeira tentativa. Callum Lynch não desistia. Tentaria outra vez amanhã – ou, corrigiu, mais realisticamente, logo que os pais o deixassem ter a sua bicicleta de volta.

Cal só reparou que havia algo de errado quando já estava dentro da vila. As pessoas estavam fora das suas casas, algumas sentadas em cadeiras com bebidas na mão, mas a maioria apenas ali paradas, a olhar fixamente...

E olhavam para *ele*.

Tinham uma expressão cuidadosamente neutral, mas Cal sentiu um aperto no estômago.

Havia algo de errado.

Aumentou o ritmo, deixou cair a bicicleta à porta de casa e olhou uma última vez para os vizinhos que olhavam para ele silenciosos e solenes.

O ritmo cardíaco de Cal aumentou ligeiramente, embora não entendesse por que razão. Estendeu a mão para a maçaneta do alpendre, mas esta quedou-se imóvel.

A porta estava escancarada.

Os seus pais mantinham-na *sempre* fechada.

Cal engoliu em seco, e avançou para o pequeno alpendre coberto, parando para ouvir, movendo-se lentamente, como um estranho neste lugar que lhe era tão familiar. A porta principal também estava aberta. Estendeu a pequena mão, separando os fios multicolores de contas que providenciavam uma fronteira simbólica entre a maioria das divisões da casa.

Não se ouvia o som de conversa ou de risos, não cheirava a jantar cozinhando no fogão, não se ouvia o tinir dos pratos. Os únicos sons familiares eram a voz de Patsy Cline, aguda e débil, vinda do velho rádio bege e o zumbido de fundo da televisão – um programa qualquer de notícias.

— Hoje temos connosco o Dr. Alan Rikkin, chefe executivo das Indústrias Abstergo — dizia o apresentador. — Alan, parece que o mundo está à beira do precipício.

— Parece, não é? — o orador tinha um sotaque inglês refinado. Cal olhou brevemente para o homem já entrado nos trintas, bem-vestido, elegante, com olhos escuros e feições pronunciadas.

— Parece que o propósito da humanidade é autodestruir-se com esta violência contínua e disseminada. Acredito que, a não ser que abordemos a raiz da nossa natureza agressiva, a civilização como a conhecemos estará perdida. Mas aqui, nas Indústrias Abstergo, trabalhamos para isolar o componente-chave...

Continuou a falar. Cal continuava a avançar sem lhe prestar atenção. Estava escuro dentro da casa, mas isso era habitual; os verões eram quentes por estas bandas, e a escuridão mantinha as coisas frescas. Mas não era uma escuridão amistosa, e Cal apercebeu-se de que tinha as mãos suadas.

Enquanto entrava na divisão familiar, viu a silhueta da mãe, sentada, recortada na janela da cozinha. Aliviado, sem saber bem porquê, tentou chamá-la. Mas as palavras morreram-lhe na garganta. Reparou que estava sentada num ângulo estranho, encostada às costas da cadeira, com os braços pendendo dos lados.

E estava imóvel. Tão, tão imóvel.

Cal estacou, olhando para ela, o cérebro debatendo-se para perceber o que estava errado. Um movimento chamou-lhe a atenção – algo a pingar lentamente do braço dela para o chão. Gotas que formavam uma poça vermelha cada vez maior. Ao contrário do resto, a luz cruel do sol apanhava este pormenor. O olhar de Cal estava petrificado pelo movimento. Depois os olhos viajaram em sentido ascendente, seguindo o caminho carmesim.

As gotas vermelhas caíam languidamente de um pendente de prata que Cal vira à volta do longo e fino pescoço da mãe todos os dias. Uma estrela de oito pontas com uma forma em diamante no centro. Tinha um símbolo negro gravado que se assemelhava à letra A, como se as linhas da letra tivessem sido feitas por lâminas ligeiramente curvas e estilizadas.

A corrente estava agora emaranhada na sua mão e os seus elos de prata estavam banhados a escarlate.

O instinto gritava-lhe para que desviasse o olhar, que fugisse e nunca olhasse para trás. Ao invés, Cal estacou, colado ao chão.

A mão dela estava coberta de sangue. A manga esquerda da sua blusa branca à camponês estava encharcada.

E a garganta...

— Mãe? — murmurou, embora o buraco na garganta significasse que estava morta.

— *Laa shay'à waqu'un moutlaq bale kouloun moumkine.*

O sussurro captou a atenção de Cal, que se apercebeu, chocado, que ele e a mãe não estavam sozinhos na divisão.

Também lá estava o seu assassino.

Estava ao lado da televisão, um homem alto com mais de um metro e oitenta, de costas para Cal, olhando pela janela. Tinha um capuz a cobrir-lhe a cabeça.

Mas uma vez mais o olhar de Cal captou um movimento, o mesmo líquido vermelho pavoroso pingando, pingando no linóleo barato; era o sangue da sua mãe que escorria pela ponta de uma lâmina que saía debaixo do pulso do homicida.

— Pai — sussurrou, com o seu mundo a estilhaçar-se enquanto o vômito e o colapso ameaçavam dominá-lo; queria enrolar-se na posição fetal e não voltar a mover-se. Não podia ser. A figura encapuzada virou-se lentamente, e o coração de Cal contorceu-se num espasmo de sofrimento e terror quando se apercebeu de que tinha razão. A figura era o seu pai.

Os olhos de Joseph Lynch tinham um ar assombrado, como se ele também estivesse a sofrer, mas como era possível? Porquê? Tinha sido ele a...

— O teu sangue não é teu, Cal — disse o pai, com um leve sotaque irlandês que os anos passados nos Estados Unidos não tinham conseguido apagar, pesado e pesaroso. — Encontraram-nos.

Cal olhou estarecido para ele, não entendendo nada do que dizia. Então, o pai olhou frontalmente para ele e começou a andar na sua direção. As passadas ecoavam sonoramente nesta casa dos horrores, um som que devia ser normal e não abafasse o debate televisivo e a voz de Patsy Cline cantando que era louca.

“Louco. Estou louco. É isso que se está a passar.”

E então, para sua surpresa, os seus pés, com vontade própria, comportaram-se de um modo muito pouco louco. Moviam-se sozinhos, recuando do seu progenitor, do seu pai, que acabara de enfiar uma faca no pescoço da sua esposa.

O homem encapuçado avançou lenta mas inexoravelmente, inevitável como a própria morte. Os pés fugidios de Cal pararam subitamente.

Não queria viver numa realidade onde o pai tinha matado a mãe. Queria estar com ela.

Joseph Lynch também parou, com os braços flácidos pendendo, quase inúteis, o sangue a pingar da lâmina que tinha mergulhado na garganta delicada da esposa.

— Eles querem o que está dentro de ti, Cal. Vive nas sombras — disse o seu pai, como se o coração se estivesse a partir ao proferir as palavras.

Carl olhou fixamente para ele, com o coração batendo violentamente contra o peito. Não conseguia mexer-se, não conseguia pensar...

O som de pneus a chiar e a sombra de carros lá fora rompeu o feitiço mortal. O assassino olhou por cima da cabeça do filho para os carros que estacionavam em fila à sua porta.

— Corre! — gritou para o filho. — Corre! Agora!

Empurrado para a ação, Cal disparou para as escadas. Os seus membros há momentos congelados subiam os degraus dois a dois, saindo depois de rompante pela janela para o telhado, o caminho secreto para a liberdade que os seus pais nunca tinham descoberto tornado numa rota de fuga para um acrobata.

Correu como nunca tinha corrido antes, saltava sem hesitação pelos níveis oscilantes dos telhados baixos e longos, rebojava quando caía, levantava-se e continuava a correr. Pelo canto do olho, Cal viu o que pareciam ser dúzias de veículos todo-o-terreno pretos invadindo as ruas poeirentas.

A certo ponto, Cal baixou-se e escondeu-se momentaneamente da vista de modo a recuperar o fôlego e arriscou olhar para baixo.

No lugar do pendura de um dos carros, vislumbrou um homem pálido, de feições pronunciadas, de cabelo escuro, roupas escuras e óculos escuros. Era muito parecido com o homem que tinha acabado de ver na TV, mas é claro que não podia ser.

Ou podia? Sem nenhuma razão aparente, o rapaz sentiu um arrepio na espinha.

O segundo veículo virou, Carl voltou a correr, saltando do telhado para uma pilha de detritos, galopando pela rua que o levava para longe do aglomerado de edifícios, para longe da mãe morta e do pai homicida, para longe de tudo o que fazia parte da vida de Callum Lynch.

Capítulo 2

TRINTA ANOS MAIS TARDE

Departamento de Justiça Criminal, Texas, EUA

Frank Kimmler, de 47 anos, tinha sido guarda no Departamento de Justiça Criminal de Huntsville durante dezassete anos. Nesse tempo, vira algumas das piores coisas que uma pessoa podia fazer a outra. Ainda assim, ficava sempre surpreso com a escuridão que se arrastava nestes dias, e depois de um dia mau voltava sempre para casa e prometia à mulher que iria desistir, encontrar algo mais calmo, mas seguro. Algo de que pudesse falar às suas filhas quando voltasse para casa à noite. No entanto, Kimmler regressava sempre ao trabalho no dia seguinte.

Nesta tarde-noite de 21 de outubro, virado de costas para os ecrãs que emitiam imagens e para uma coca-cola e uma sanduíche de bolonhesa e queijo intactas, observava um ecrã completamente diferente e falava ao telefone com a sua mulher, Janice.

— Notícias de última hora; ocorreram três assassinatos hoje em Houston, Texas — dizia o repórter televisivo sombriamente para a câmara. — O presidente do FMI, Cassiane Lacroix, o bilionário do petróleo texano, Luther Wiley, e o magnata dos média chinês, Bolin Chang, foram mortos no hotel Four Seasons em plena luz no dia.

— Sim, querida, estou a ver mesmo agora nas notícias — dizia Kimmler.
— Três em um. Em plena luz do dia. Eu sei, é horrível. Onde estás?

— Estou praticamente à porta de casa — disse Janice. A voz tremia-lhe.
— Bloquearam algumas estradas. Carros da polícia por todo o lado. Estava

um engarrafamento tão grande que demorei três horas a chegar a casa! Frank... quem me dera que não trabalhasses nesse sítio.

Ele também o desejava, mas não o podia dizer. Ao invés, disse:

— Oh, querida, estou mais seguro do que qualquer outra pessoa aqui. Só me preocupo com as minhas meninas. Estão aí em casa contigo? — os seus olhos viraram-se novamente para as imagens das três vítimas que cobriam o ecrã da televisão enquanto Janice lhe dizia que a Suzanne estava no piso de cima a fazer os trabalhos de casa, mas a Patrícia tinha ligado a dizer que chegaria tarde. Isso chamou-lhe a atenção.

— Queres dizer que ela ainda não está em casa? Amanhã é dia de escola!

— Ela ligou, disse que está com as amigas no centro comercial e que a mãe da Debbie as vai buscar logo que consiga lá chegar. Ela está bem — houve uma longa pausa, e depois Janice disse:

— Será que... vais conseguir regressar a casa? Vou fazer torta de macarrão. Acho que nos faz falta a todos alguma comida de conforto.

Ele olhou de relance para a sua sanduíche de bolonhesa e suspirou saudosamente.

— Vou ter de aquecê-la quando chegar a casa, miúda. Estou preso aqui. Ele entra às seis, por isso chego a casa às nove — acenou para uma cara familiar que se aproximava da sua secretária. — Tenho de ir. O Padre Raymond chegou — Frank desligou e virou-se para o padre, presentead-o com um sorriso amistoso. O Padre Raymond era presença assídua nos últimos quatro anos, e Frank tinha simpatizado com o homem mais novo, magro e bem-falante. A batina era recente; contara a Frank que tinha sido professor de Inglês numa universidade qualquer na costa leste antes de sentir o chamamento. Frank não tinha dificuldade em imaginá-lo nos corredores da faculdade, a falar de Shakespeare ou Dickens ou outro qualquer.

— Sempre a horas, Padre. Como é possível? A cidade está bloqueada depois do que aconteceu hoje. A minha mulher demorou três horas para chegar a casa.

— Fico feliz por estar seguro — respondeu o Padre Raymond, parecendo aliviado. — Como estão as raparigas?

— Uma está em casa, a outra está no centro comercial com alguns amigos. Tento mantê-las debaixo de olho, mas... — Frank suspirou e coçou a nuca. Há alguns anos o cabelo começara a cair. Da última vez, o Padre Raymond provocara-o, dizendo que podia ter-se tornado um monge

tonsurado. — Sabe, estou um pouco assustado por causa delas. Como o mundo anda hoje em dia... não é um sítio agradável.

O Padre Raymond acenou solidariamente.

— E... como vai o nosso homem?

— Calado. Tudo o que faz é desenhar. O dia todo. É contra os regulamentos, mas o que é que se pode fazer? É o aniversário do homem. Parece que o pai matou a mãe. Isso tem de deixar marcas — Frank olhou para o Padre com uns olhos castanhos tristes. — Não sei, Padre. Ele mata um chulo, nós matamo-lo a ele. Não faz sentido...

— Os desígnios de Deus... — começou o Padre Raymond — ... não são os nossos.

Frank suspirou.

O Padre fez surgir um lenço e limpou a palma da mão, sorrindo auto-depreciativamente para Frank.

— Nunca nos habituamos a esta parte do trabalho — disse.

— Não — respondeu Frank. — E não me parece que isso seja mau.

O Padre Raymond guardou o lenço e acenou quando outro guarda surgiu, pronto para o escoltar de volta.

— Dê os meus cumprimentos à Janice e às raparigas. Diga-lhes que estarão presentes nas minhas preces.

O Padre Raymond não julgava o recluso da cela 304 um artista particularmente dotado. Mas era prolífico, e dedicava-se à tarefa com uma determinação quase furiosa. Pedacos de papel pardo retangular com desenhos que iam do assombroso ao grotesco a adornar as paredes até ao alcance da mão. Nas outras três paredes, viam-se as marcas pretas, verdes e azuis deixadas por marcadores de feltro na forma de graffiti sem nexos, ou estranhos símbolos que nem o próprio autor da galeria tortuosa conseguiria porventura interpretar.

O Padre Raymond observou o prisioneiro de trinta e muitos anos sentado no chão, rabiscando com um pedaço de giz. O recluso parou, esfregando uma parte com o polegar para suavizar as linhas pretas carregadas numa forma mais leve e indistinta. Só tirou os olhos do seu trabalho quando a porta se abriu para deixar entrar o padre. Ergueu-se e depois sentou-se silenciosamente na cama estreita, olhando para o Padre Raymond com uma expressão de moderado aborrecimento no rosto.

As chaves chocalharam ao trancar a porta após a entrada do religioso,

que contemplava atentamente as imagens perturbadoras, sem expressar crítica, apenas compaixão. Já tinha certamente visto coisas mais grosseiras nas celas de homens prestes a morrer.

O Padre Raymond examinava-as séria e reflexivamente: esboços a carvão de homens com elmos bizarros, formas toscas, deformadas, vagamente humanas, abraçando e matando-se umas às outras, crânios envoltos em flores, uma boca cavernosa escancarada num grito, uma mão brandindo uma cruz, uma figura envolta em chamas, um cavalo quase esquelético relinchando aterrorizado. Uma delas em particular fez com que o padre parasse: era a forma rude e quase caricatural de um executor dos tempos antigos, com um capuz negro a cobrir-lhe a cabeça. Depois virou-se para o prisioneiro.

Como é óbvio, tinha um nome; todos os homens têm nomes. O Padre Raymond assegurou-se de que usava o dele. A hora da morte, de todas as horas, era nessa que mais importava que soubessem disso.

— Chamas-te Callum Lynch — disse o padre, numa voz calma e gentil. — Sou o Padre Raymond.

As mãos de Callum Lynch estavam cobertas de pó de carvão, o cabelo ruivo alourado estava cortado curto e havia algo de fulminante nas profundezas dos seus olhos azuis que fez o padre entender que a fachada calma e controlada de Lynch era exatamente isso: uma fachada, e talvez estivesse nos seus limites.

— Está aqui para me salvar a alma? — perguntou o prisioneiro, com a voz rouca devido ao desuso.

— Algo parecido — respondeu o Padre Raymond, hesitante, interrogando-se se devia mencionar o que Frank lhe dissera, decidindo-se depois por fazê-lo. — Uh... pelo que me disseram, hoje é o teu aniversário.

Lynch riu entredentes.

— Pois — disse ele. — A festa está quase a começar.

O Padre Raymond estava pasmado. Era suposto ser ele a oferecer conforto a um homem quando este olhava a morte nos olhos. A maioria dos que visitava tinha uma reação emocional de medo, raiva, arrependimento, pelo menos alguns deles. Mas agora o Padre olhava para um homem que parecia completamente calmo, e não sabia bem o que fazer a seguir.

— Sente-se — disse Lynch, acrescentando —, está a enervar-me.

Não parecia nervoso de todo, mas o Padre Raymond sentou-se num banco de frente para o prisioneiro e abriu a sua Bíblia. Tinha algumas passagens favoritas que, ao longo dos anos, pareciam ter oferecido conforto aos condenados. Abria agora o livro numa delas e começou a ler.